

**DO NOT  
ENTER**

# Pathos

criação  
**Cátia Pinheiro**  
**José Nunes**  
colaboração  
dramatúrgica  
**Diogo Bento**

textos de  
**Cátia Pinheiro**  
**Diogo Bento**  
**José Nunes**  
com trechos  
inspirados em *Édipo*  
*Rei* e *Antígona*, de  
*Sófocles*; *Prometeu*  
*Agrilhoado*  
e *As Suplicantes*,  
de *Ésquilo*; *Medeia*  
e *Electra*, de  
Eurípedes

cenografia  
**Cátia Pinheiro**  
figurinos  
**Jordann Santos**  
desenho de luz  
**Daniel Worm**  
*d'Assumpção*  
som  
**Vasco Rodrigues**  
assistência à criação  
**Tiago Jácome**  
assistência de  
desenho de luz  
e apoio técnico  
**Pedro Nabais**  
assistência  
de figurinos  
**Clementina**  
**Delgado**  
produção executiva  
**Ana Lopes**

interpretação  
**Cátia Pinheiro**  
**Mafalda Banquart**  
**Margarida**  
**Carvalho**  
**Tiago Jácome**

coprodução  
**Estrutura**  
**TNSJ**

dur. aprox. 1:15  
**M/16 anos**

**Estreia**

**Teatro Carlos**  
**Alberto**  
**10-13 abril 2019**  
qua-sex 21:00  
sáb 19:00

# “Como se fôssemos Sísifo”

Cátia Pinheiro, Diogo Bento, José Nunes

“O campo semântico do substantivo “tragédia” e do adjetivo “trágico” permanece tão indeterminado quanto a sua origem. O uso coloquial e axiomático atribui ao “trágico” experiências, mentais ou materiais, que vão desde a trivialidade – “o bolo queimou-se no forno” – até ao derradeiro desastre ou amargura.”

George Steiner

## Prólogo

*Pathos* é uma criação em cinco atos. Cinco momentos. Cinco partes trágicas, cuja unidade de ação se resume ao aqui e agora onde vivemos em confronto com o século V a.C. Esse tempo mítico de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes.

*Pathos* é uma viagem à Grécia que nunca chegou nem chegará a terminar. De certa forma, é a partir da convocação de um suposto início, da lembrança de uma ideia de humanidade (a da Grécia Antiga enquanto berço da civilização ocidental, da democracia, da filosofia e do teatro) que, cétricos face ao nó cego civilizacional a que chegámos, medimos o pulso do nosso tempo.

A antiguidade clássica e as tragédias gregas são uma herança que acarreta consigo um peso brutal, sendo algo que nos define e que constitui a “nossa identidade ocidental”, o “nosso património”. Esse peso, desde logo, provoca um desejo imediato de vandalizar o legado histórico. Incendiá-lo. Derrubá-lo. Reduzi-lo a cinzas como fizeram à cidade de Troia.

Ao mesmo tempo, paradoxalmente, essa herança fascina-nos e rapta-nos para dentro do seu universo de referência, qual síndrome de Estocolmo. O mundo grego suscita em nós esse instinto assassino de matar mãe, pai, filhos, que nem Orestes, Electra, Édipo e Medeia, ao mesmo tempo que veneramos o Pártenon e idealizamos a democracia ateniense e o jardim dos filósofos.

A vontade que temos quando olhamos para as tragédias gregas é a mesma que temos perante as águas paradas de um lago: apetece-nos sempre atirar uma pedra e ver quantas vezes a conseguimos fazer saltar. É por isso que *Pathos* é um salto de fé. É a junção de um lago perfeito e parado com a nossa vontade de o agitar.

## Episódio

Inspirados na Grécia Antiga, partimos da ideia de *pathos* para olhar o mundo contemporâneo. Com efeito, este termo contém em si uma multiplicidade de significados. Trata-se de um termo agregador de noções tão díspares como sofrimento, emoção, paixão, excesso, patologia, infortúnio, ação, entre muitas outras coisas.

O que nos interessava inicialmente era a sua significação na análise literária das tragédias gregas, seguindo a *Poética* de Aristóteles, onde o termo *pathos* é entendido como sofrimento, no sentido em que as decisões de homens ilustres os levam ao sofrimento e nada se pode fazer

para fugir à fatalidade e ao destino. Foi esta ideia que nos levou a explorar dramaturgicamente um olhar sobre o ponto civilizacional em que nos encontramos e a forma como as decisões dos “homens”, ao longo da história, nos trouxeram até aqui. Como nos causam sofrimento e angústia. Como nos suscitam terror e piedade. Como nos fazem caminhar para um final trágico, como se de uma tragédia ática se tratasse.

Ora, quando nos propomos a fazer um espetáculo-tragédia que reflita sobre a ideia de humanidade, automaticamente pensamos num espetáculo que está em derrocada em direto, de forma trágica, lado a lado com uma certa ideia de humanidade.

É por isso que *Pathos* é um espetáculo-ruína que anseia desesperadamente pelo seu anunciado fim. O ponto onde as nossas crenças num “mundo melhor” se diluem e apagam nos sinais políticos e ambientais, no crescimento de fundamentalismos e intolerância que caracterizam os nossos dias.

Usamos assim as tragédias para falar de feminismo, ecologia, globalização, aquecimento global, colonização, identidade, saque, extração, necropolíticas, porque já estava tudo a fermentar desde a época de Péricles. A questão é: como conciliar (ou não) o nosso pessimismo contemporâneo com a esperança de Pandora?

## Estásimo

“Já começou. Já começou tudo há tanto tempo.”

São assim as tragédias gregas. A ação já começou, o crime já fora cometido e não é possível voltar atrás. Não há remédio à vista para tal ofensa cometida contra os deuses. Resta-nos assistir à catástrofe e deixá-la acontecer.

## Éxodo

Este espetáculo encerra uma tetralogia que a Estrutura desenvolveu entre 2017 e 2019, propondo um olhar sobre a humanidade, sobre o mundo em que vivemos e o ponto civilizacional em que nos encontramos hoje, numa relação dialética e especulativa entre passado, presente e futuro, e entre memória, vivência e desejo.

Este ciclo foi composto pelos seguintes espetáculos: *Geocide* (2017), *The End* (2017), *M’18* (2018) e *Pathos* (2019).

Encerra-se este ciclo numa espécie de busca ontológica, procurando respostas na antiguidade clássica, onde são tratadas pela primeira vez as “grandes questões da humanidade e do indivíduo perante a Pólis”. *Pathos* é o resultado de um olhar sobre uma certa ideia de humanidade à mistura com o legado clássico teatral que herdámos e que carregamos como um fardo. Como se fôssemos Sísifo: ora o empurrando até ao cume da montanha, ora o deixando rolar sozinho pelo monte abaixo.

[www.estrutura.pt](http://www.estrutura.pt)

## ficha técnica TNSJ

produção executiva Mónica Rocha  
direção de palco Emanuel Pina  
adjunto do diretor de palco Filipe Silva  
direção de cena Cátia Esteves  
luz Filipe Pinheiro (coordenação),  
Adão Gonçalves, Alexandre Vieira,  
José Rodrigues, Nuno Gonçalves,  
Rui M. Simão  
maquinaria Filipe Silva (coordenação),  
Adélio Pêra, António Quaresma,  
Carlos Barbosa, Joaquim Marques,  
Jorge Silva, Lídio Pontes,  
Paulo Ferreira  
som Francisco Leal (coordenação),  
António Bica

## apoios TNSJ

 

 

## apoios à divulgação

    
  

## agradecimentos TNSJ

Câmara Municipal do Porto  
Polícia de Segurança Pública  
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

## agradecimentos Estrutura

Teatro Municipal do Porto,  
Armazém 22, Teatro Universitário  
do Porto, Teatro Praga,  
André e. Teodósio, Carlos Mota,  
Paulo Correia, Lurdes Ribeiro,  
Pedro Santos, Inês Réfega,  
Ricardo Costa, André Godinho

## apoio Estrutura

 

A Estrutura é uma companhia residente no Teatro Campo Alegre, no âmbito do programa **Teatro em Campo Aberto**, e apoiado por

**Porto.**

## edição

Departamento de Edições do TNSJ  
fotografia Cátia Pinheiro  
design gráfico Dobra  
impressão Greca – Artes Gráficas, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.